

**REMATE
DE MALES**

35.1

Revista de Teoria e História
Literária



UNICAMP

Campinas - SP
Jan./Jun. 2015

Remate de Males: Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem – Campinas, SP, n. 1 (1980.)

Publicação Semestral a partir de 2005
ISSN 103-183X (impresso) - ISSN 2316-5758 (online)

1. Literatura – Periódicos. I. Departamento de Teoria Literária - Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem.

CDD 805

PUBLIEL – Publicações IEL

Revista *Remate de Males*, Publicações, Rua Sérgio Buarque de Holanda, nº 571,
Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, 13083-859 – Campinas-SP, Brasil.

Fone/Fax: (0xx19) 3521-1528

E-mail: remate@iel.unicamp.br – <http://iel.unicamp.br>

Indexada em / Indexed in:

Russian Academy of Sciences Bibliographies, Linguistics and Language Behavior
Abstracts (Online), Latindex, MLA/International Bibliography (USA),
Ultich’s International Periodicals

PEDE-SE PERMUTA / Exchange requested / Se solicita canje /
Wir bitten um Austausch / On demande l’échange / Si chiede lo scambio

Conselho Editorial

Antonio Dimas (USP) - Bertold Zilly (Freie Univ. Berlin) - Carlos Augusto Calil (USP)
- Edson Rosa da Silva (UFRJ) - Eduardo Subirats (NYU) - Ettore Finazzi-Agrò (Univ.
La Sapienza di Roma) - Fábio Lucas (UBE) - Joaquim Brasil Fontes (Unicamp) - Jorge
Ruedas de la Serna (Univ. Nac. de México) - José Aderaldo Castello[†] (USP) - Julio
Castañon Guimarães (FCRB) - Lucía Melgar (El Colegio de México) - Luiz Costa Lima
(UERJ, PUC/RJ) - Luiz Dagobert de Aguirre Roncari (USP) - María Rosa Menocal (Yale
Univ.) - Marta Rossetti Batista[†] (IEB/USP) - Mónica Marinone (Univ. Nac. de Mar
del Plata) - Paulo Moreira (Yale Univ.) - Rita de Grandis (Columbia Univ.) - Roberto
Schwarz (CEBRAP) - Sergio Miceli (USP) - Sílvia Cárcamo (UFRJ)

Comissão Editorial

Fabio Akcelrud Durão
Henning Teschker

REMATE DE MALES

Teoria crítica e Filosofia Francesa

Organizadores do volume:

Fabio Akcelrud Durão

Henning Teschke

REMATE DE MALES

Revista de Teoria e História Literária
Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP

Remate de Males é uma publicação semestral do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Aceita artigos preferencialmente em português, mas também em espanhol, inglês e francês. Os trabalhos, acompanhados de resumos, serão submetidos ao Conselho Editorial. As opiniões expressas nos artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores.

O título da revista reproduz os tipos usados no anterresto da edição original da obra deste nome de Mário de Andrade (S.P., 1930)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor: José Tadeu Jorge

Vice-Reitor: Alvaro Penteado Crósta

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Diretor: Flávio Ribeiro de Oliveira

Diretor-Associado: Jefferson Cano

PUBLICAÇÕES-IEL

Coordenadora: Orna Messer Levin

Equipe Editorial: Esmeraldo A. Santos, Alexandria Leme, Nivaldo Alves

REVISÃO

Danielle Marinho, Júlia Maria Terra, Juliana Zanetti de Paiva,
Margarida Amália Romani de Pontes, Marcio Renato Pinheiro da Silva, Paola
Sanges Ghetti, Rodrigo Silva Ielpo e Tatiane Marchi

REVISÃO TÉCNICA

Os organizadores

Sumário

- 07 Apresentação
- 13 *Reificação, representação e instanciação: Georg Lukács contra seus intérpretes*
Timothy Bewes
- 39 *Quanto à prática (universitária) da teoria da crítica*
Claas Morgenroth
- 57 *Deleuze, Benjamin: uma travessia em Kafka*
Henning Teschke
- 83 *Do “viver” e do “morrer” nos estudos literários: Gayatri Spivak e a morte da literatura comparada como Aufhebung*
Nabil Araújo
- 101 *Analogías orgánicas en la prosa de Valéry: el intelecto y la creación artística*
William Díaz Villarreal
- 121 *L’imagination poétique chez Bachelard: un enjeu franco-allemand?*
Cristina Henrique da Costa

- 143 *A poética de Hans-Georg Gadamer e a poesia de Paul Celan*
Raquel Samara
- 165 *El “descubrimiento moderno de la oralidad” y los
medios audiovisuales*
Mateu Cabot
- 177 *Edgar Poe em tradução: Mallarmé, Artaud, Herberto Helder*
Izabela Leal e Marcelo Jacques de Moraes
- 199 *Notre Dame de Paris, romance dramático?*
Jefferson Cano
- 215 *O seiscentista Camillo Baldi e a pessoa do escritor
de cartas privadas*
Edmir Míssio
- 231 *Nuno Ramos e a linguagem das coisas abandonadas*
Ricardo Pinto de Souza e Flavia Trocoli

Resenhas

- 249 Pasini, Leandro. *A apreensão do desconcerto: subjetividade e
nação na poesia de Mário de Andrade*
Emílio Maciel
- 257 Moreira, Paulo. Pasini, Leandro. *Modernismo localista das
Américas: os contos de Faulkner, Guimarães Rosa e Rulfo*
Aline Zouvi
- 261 Informações biobibliográficas
- 267 Abstracts
- 273 Normas para submissão de trabalhos

Apresentação

O processo de editoração de uma revista de pesquisa em literatura e teoria não é linear. Ele começa com a discussão entre os editores a respeito do tema que desejam para o dossiê temático; em seguida, é feita a chamada e divulgada o mais amplamente possível. Ao receber as submissões, os editores devem achar uma medida exata de flexibilidade para mediar o que tinham em mente e o material que recebem. Se rígidos demais, o volume não sai (e surge o argumento: por que não escrevem eles mesmos os artigos?); se excessivamente lenientes, o dossiê desfigura-se, tornando-se conceitualmente insustentável.

Para o presente volume da *Remate de Males*, tínhamos como objetivo aproximar duas tradições críticas que, espantosamente, pouco dialogam, as da chamada Escola de Frankfurt e do Pós-Estruturalismo, nomes inapropriados por razões diversas. Eis o quadro mais amplo: o pensamento europeu da primeira metade do século XX foi inspirado pela filosofia alemã na mesma proporção que sua segunda metade o foi pela filosofia francesa. Nessa justiça temporal anuncia-se a superação de uma inimidade centenária de ambos os países para já não nacionalizar, isto é, trair, a vocação universal da filosofia. Mesmo assim, as vertentes de maior destaque da filosofia presente, a Teoria Crítica e o pensamento pós-estruturalista, se relacionam inicialmente na forma da ignorância recíproca apesar de suas referências comuns: a filosofia grega, o idealismo alemão, a política, Marx, Nietzsche, Freud e Heidegger, a arte e a literatura como formas imprescindíveis da verdade. O que a filosofia francesa presente está buscando na Alemanha? Uma nova relação do conceito e da existência com vários nomes: desconstrução, existencialismo, hermenêutica. O que a filosofia alemã presente está buscando *outrere-Rhin*? Uma nova sutura do conceito e do não filosófico, da literatura e do fora, a revolta coletiva para arrancar o Tartufe acadêmico da sua

autossuficiência. No ir e vir sinuoso de Frankfurt a Paris determina-se a operação básica da transição da modernidade à época pós-moderna: a substituição da negação pela diferença. Nisso se preserva seu traço comum, a incompatibilidade com o imperativo da realidade átona: viver sem ideia. Assim se articula o convite de desenvolver os novos tipos da afirmação que fiquem fiéis às lições da negação.

Que significa a nacionalidade no domínio do pensamento? No entrecruzamento da história e da constituição há possibilidade de determinar as características nacionais da filosofia alemã e da filosofia francesa sem recair na mitologia do solo? É verdade que, a partir de Descartes, o gesto genérico dos franceses foi o da construção do Cogito e do sujeito universalista, das Luzes até o estruturalismo? É igualmente verdade que o gesto fundamental da Alemanha, país politicamente desmembrado e tanto rico em florestas quanto pobre em litorais, foi a fundação do sujeito idealista transcendental até a reterritorialização de Husserl e Heidegger na Grécia? No entanto, o conceito da verdade, ao desfazer o vínculo com qualquer território particular, não admite mais pátria. Legado político do século XIX ultrapassado no século posterior, a nação não representa uma categoria filosófica, pois nem Paris nem Frankfurt conseguem renovar a pretensão de Atenas como pátria de toda verdade, apesar de toda a intensificação do intercâmbio acadêmico. Será que a aposta franco-alemã define algo radicalmente transnacional e atemporal, por assim dizer algo de “grego” pelo pensamento contemporâneo? No mesmo momento, quando o capitalismo derruba as fronteiras econômicas em nível global, a estética filosófica multiplica suas fronteiras e distinções intrínsecas: entre o conceito e a imagem, a epistemologia e a imaginação poética, o representável e o irrepresentável, a imanência e a transcendência, a reflexão e a autoreferência, o sublime e o *je ne sais quoi*, o absoluto literário e o corpo glorioso, a diferença e a *différance*, o hibridismo de categorias e a categorização do híbrido, a descontinuidade e a euforia do devir, o Um e o plural, o plural e o múltiplo, o múltiplo e o infinito, o infinito numérico e o infinito qualitativo... *Lean times*: uma miniaturização do conceito através da sua multiplicação infundável que dá a compreender sempre mais sobre sempre menos até que se suspeite de qualquer forma de conhecimento, do impulso para o geral como um gesto terrorista. A ideologia da diversidade igualitária que desmente a sua origem na esfera das mercadorias, resulta na autoabolição do conceito, denominador ontológico comum de qualquer ser. Há poucos bens que crescem ao serem compartilhados: assim é com o amor, o conhecimento ou a revolução; o mote pós-moderno do *sempre mais* não só faz multiplicar os mesmos. Não se supera a forma do Um ao

multiplicá-lo, não se ultrapassa a forma do sujeito ao torná-lo infinito, não se o livra da tensão vertical ao convertê-lo em gozo estético, não se ultrapassa o capitalismo ao batizá-lo de cultura, democracia ou projeto de modernidade.

Ao desistir da origem, a filosofia franco-alemã não renuncia à finalidade. Parece óbvio que as teorias de Derrida e de Badiou têm pouco em comum. No entanto, foi o próprio Badiou quem determinou a fusão dos horizontes respectivos: “nous avons les memes ennemis”; frente comum que inclui o pensamento da Teoria Crítica hostil à sua degradação em teoria a-crítica socialdemocrata, Habermas (menos comunicação mais comunismo!) e consortes, irreconciliável com a teoria da recepção ou das ciências da cultura, conseqüentemente da rotina burguesa universitária.

Ao prepararmos este volume da *Remate de Males*, percebemos que não seria necessário que cada texto exibisse em miniatura essa questão; seria possível também que o problema surgisse da própria constelação dos artigos. E foi isso que em grande medida aconteceu. **Henning Teschke** esboça a zona de indistinção de Benjamin e de Deleuze por ocasião da obra de Kafka. Refratário aos estereótipos da sua interpretação psicanalista e teológica sustentada pela culpa, a origem inacessível e o corpo opaco, elabora-se a partir da linguagem, da metamorfose, da vergonha e do humor uma visão afirmativa de Kafka incentivada pela positividade *superieure* dos seus dois comentadores. **Claas Morgenroth** aproveita *O que é Esclarecimento?*, de Kant, para rememorar a verdade comum de sua exegese por Foucault e Adorno: Frankfurt está localizada na margem esquerda do Sena pois Paris está localizada na margem esquerda do rio Meno. A *parrhésia*, ato de falar a verdade ao alterar o Ser do homem, não significa outra coisa que a intervenção universitária da Teoria Crítica para naufragar a interpassividade acadêmica; dois remos da mesma barca rio acima. **Timothy Bewes** enfrenta o termo “reificação” em Lukács e seus avatares no debate atual. A pergunta central – a representação é possível sem a reificação? – não é absorvida pela sua resposta: reificação designa um evento lógico, não um evento representacional. Será que o próprio Lukács descreveu na relação sujeito-objeto tanto a inacessibilidade da coisa quanto a inacessibilidade do Eu por si mesmo além da sociedade de classes? **William Díaz** aproxima-se dos conceitos obliquamente, pois aborda-os de um ponto de vista retórico. Ao explorar o uso das analogias orgânicas na prosa crítica de Valéry, centra-se nas imagens que se referem ao intelecto e à criação artística, para defender que o pensamento do autor era profundamente analógico: *as imagens e metáforas a que recorre possibilitam saltos do pensamento que iluminam aspectos ocultos dos fenômenos intelectuais*. O que Valéry consegue

é uma visão prismática da realidade intelectual, na qual predominam metamorfoses e as transformações do objeto captado. **Nabil Araújo** retoma o diagnóstico hegeliano da morte da literatura moderna ao analisar o livro de Spivak *Death of the discipline*, publicado em 2003. Trata-se da querela da Literatura Comparada agonizante com os Estudos Culturais e os Estudos de Área diante do multiculturalismo emergente. Assumindo as advertências de Kant e de Derrida sobre o discurso apocalíptico, a presumida morte da Literatura Comparada equipara-se mais à “Aufhebung” (suprassunção) de Hegel. **Raquel Samara** abre o diálogo entre a poética de Gadamer e a poesia de Celan. O conceito-chave da hermenêutica gadameriana, a fusão dos horizontes, permanece válido perante o hermetismo dos poemas de Celan aparentemente tão recalitrantes (opostos) ao diálogo que buscam ao mesmo tempo (um encontro com Heidegger)? O princípio musical da dissonância se torna poética antes de atingir a sua dimensão filosófica quanto à verdade da palavra poética. **Cristina Henrique da Costa** interroga-se sobre a epistemologia fenomenológica de Bachelard enquanto superação do dualismo da razão científica e da imaginação poética, cuja ressonância abrange o romantismo alemão e o cogito cartesiano. Poder criativo e autocrítico, o infinito da imaginação material indissociável da imagem poética dispensa uma ontologia direta em prol da divisão indivisa do ser, mediação poética acompanhada por uma leitura poética.

Um segundo grupo de textos lida com temas mais diversos. **Mateu Cabot** investiga o papel desempenhado pela oralidade, a escrita alfabética, pelo filme e pelas tecnologias audiovisuais para a constituição assim como para a transmissão do saber vinculado a uma tipologia histórica do poder social. Ao longo deste processo milenar Cabot dá ênfase ao século XX marcado sempre mais pela ascensão da cultura de massa audiovisulizada. **Flavia Trocoli** e **Ricardo Pinto de Souza** refletem sobre a origem traumática da experiência da realidade preservada e distorcida na linguagem; verdade exprimida tanto na ciência quanto na ficção. A literatura de Nuno Ramos operando por mediações, duplos e fantasmas faz prova desta unidade estilhaçada e provisória para afastar o grande e insuportável real dentro da auto referência da linguagem, que nunca atinge a indistinção com a coisa. **Isabela Leal** e **Marcelo Jaques de Moraes** comparam e condensam as três traduções do poema “Israfel” de Edgar Allan Poe: a de Mallarmé, a de Artaud e a de Herberto Helder, originadas por poéticas diferentes. Como produção da diferença no mesmo, a tradução mallarméana ressalta a dimensão musical do poema; a de Artaud, a materialidade do canto mortal e terreno; a de Helder, a escrita que nasce diretamente do movimento do corpo. **Jefferson Cano**

questiona a relação entre arte romântica e arte clássica através do romance *Notre Dame de Paris* de Victor Hugo. Impactado pelo romance histórico de Walter Scott, delimita-se, no intervalo entre as revoluções de 1789 e 1830, um campo teórico-narrativo que renova a literatura ao interrogar o gênero dramático e o gênero épico na perspectiva da estética moderna, isto é, romântica, que desfaz o dualismo do belo e do feio, do grotesco e do sublime. **Edmir Missio**, por fim, apresenta o tratado interpretativo de Camillo Baldi, precursor renascentista da grafologia e da fisiognômica. O pressuposto aristotélico do conhecimento do interior pelo externo será vigorado pelo gênero da carta privada onde, conforme Baldi, se reflete a imagem mais ajustada da alma do escritor. Contudo, a exposição de si nas cartas, aceito por Erasmo de Roterdã, não escaparia muitas vezes à retórica nem à teatralidade.

O volume encerra-se com duas resenhas, uma de *A apreensão do desconcerto: subjetividade e nação na poesia de Mário de Andrade*, de Leandro Pasini, por **Emílio Maciel**, e outra de *Modernismo localista das Américas: os contos de Faulkner, Guimarães Rosa e Rulfo*, de Paulo Moreira, por **Aline Zouvi**.

Fabio Akcelrud Durão
Henning Teschke